

BIOÉTICA - O IDEAL DE PESSOA HUMANA

Lourenço Zancanaro *

Resumo

A Bioética, como ética da vida, implica um agir. A ação pode gerar bem-estar e pode causar danos. As pesquisas no campo da genética e da biotecnologia produzem conseqüências que exigem avaliação ética. A salvaguarda da vida presente e futura e da dignidade do homem depende não apenas da onipotência científica e tecnológica, mas das bases conceituais, produzidas por pressupostos filosóficos.

Abstract

The bioethics, as life ethics, involves action. The action can generate well-being and can cause damages. The researches in the genetics field and the biotechnology field produce consequences that demand ethics evaluation. The safeguard of the present and future life and of the men's dignity depend not only of the scientific and technological omnipotence, but the conceptual bases, that are produced by philosophical presuppositions.

Introdução

A Bioética é um tema da mais alta relevância.

Envolve preocupações que levam a necessidade de um estudo profundo por parte dos profissionais que gerenciam as instituições que tratam e cuidam da saúde, das que estão envolvidas com pesquisas com seres humanos. A ciência se depara não somente com as virtualidades, mas com avanços reais na área da pesquisa genética e da biotecnologia. Essas pesquisas envolvem riscos e possíveis conseqüências que necessitam de avaliação ética. Os fundamentos filosóficos fornecem bases cujo conhecimento é imprescindível, quando envolve seres humanos. A dignidade da pessoa e o respeito à sua autonomia são questões que necessitam de compreensão por todos os envolvidos.

Princípios norteadores do debate

A Bioética nasceu na década de 70 nos E. U. A., em decorrência da necessidade de se estabelecer um diálogo entre tecnologia e suas aplicações no campo da saúde e das pesquisas com seres humanos. Deve ser entendida como ética da vida: aquele agir relacionado aos cuidados a serem dispensados à vida, para que sempre seja considerada como objeto de respeito. Existe uma obrigação e um dever em relação a ela, cuja exigência não depende de uma condição formal, mas dela mesma, para que simplesmente

* Docente da UEL. Doutor em Filosofia da Educação.

continue existindo. Mediante nosso “*poder*”, temos uma obrigação ética de deixar aberta a possibilidade indefinida da existência futura da vida humana e extra-humana.

Diante dessa perspectiva, da onipotência científica e tecnológica de poder e querer tudo, a vida deve ser novamente colocada no seu lugar de honra. Preocupada com a “*hybris*” ou com os exageros do poder científico, a Bioética tem como objetivo pensar a possibilidade dos limites a certos procedimentos que contenham riscos, à medida que muito provavelmente podem ferir a autonomia e a liberdade da pessoa, especialmente quando não for respeitado o “*consentimento livre esclarecido*” nas pesquisas com seres humanos.

Por isso, os princípios mais originários da bioética, sejam de caráter deontológico, como “*não-maleficência e justiça*”, ou de caráter finalístico como “*beneficência e autonomia*”, afirmam que jamais uma ação pode ferir aquele “*bem intrínseco*” ou “*valor*”, que é a vida.

Os debates produzidos pela Bioética giram em torno dos mais diferentes problemas. Para citar alguns: reprodução assistida, aborto, eutanásia, transplantes, pesquisas com seres humanos, biotecnologia, saúde pública, justiça, biossegurança, medicina legal, direitos humanos, envelhecimento, etc.

Sabemos que o desejo da imortalidade sempre se manifestou como um fato do inconsciente coletivo. Os mitos presentes nas mais diferentes civilizações mostram com clareza a raiz dessa questão:

- Sísifo, para citar alguns exemplos, ao tentar rolar incessantemente a pedra no cume da montanha, simboliza o que o homem sempre almejou interiormente: a conquista da mais alta realização.

- O vôo de Ícaro expressa a possibilidade da superação da condição humana de ter de lutar para conquistar com o suor do seu próprio rosto a liberdade, longe de qualquer empecilho imposto pela natureza das coisas.

- Prometeu, acorrentado, devorado pelos abutres que se alimentavam da sua carne viva, alcança o saber, liberta-se das correntes e, pelo conhecimento, conquista o mundo, agora na esfera do seu poder. Os

exemplos revelam a caracterização dos desejos humanos em sucessivas tentativas para livrar-se da condição mortal que sempre os acompanhou. Diante dela, o homem sempre se resignou, jamais conseguiu livrar-se, embora sempre sonhasse com a sua conquista.

Em pleno século XX, auxiliado pelos conhecimentos científicos e tecnológicos, o homem antevê a possibilidade da eterna juventude, resultado de pesquisas que podem prolongar a vida, agora não mais alimentada por lendas e mitos como nos tempos imemoriais, mas como uma conquista das pesquisas genéticas.

Num passado recente, foram realizadas as mais variadas experiências envolvendo seres humanos, desprovidas de quaisquer critérios científicos e fundamentos éticos (transplante de membros, até que ponto o ser humano poderia suportar sucessivas inversões térmicas, além do desejo ideológico de melhoramento da espécie por meio da eugenia genética na Alemanha nazista), provocando dores insuportáveis e inadmissíveis aos seres humanos.

Essas preocupações já começaram a aparecer em 1948 através do Código de Nuremberg, buscando disciplinar a ação humana e o seu poder referente não só aos fatos apresentados acima, como também às virtualidades que já começaram a se apresentar. Tais cuidados já estão presentes hoje, inclusive em relação às experiências com os animais em laboratório.

Portanto, a preocupação com a dor não está voltada só em relação aos humanos, como também nos animais. Essa é uma dimensão importante, à medida que a ética está voltada não somente para perspectiva antropológica, como foi no passado, especialmente na moral tradicional, mas também em relação à natureza extra-humana, como é o caso da ecologia.

Falar em preservação da natureza sem aprofundar a compreensão da ética como um conceito de complementariedade entre homem e natureza, é abdicar dos cuidados no sentido da preservação e carecer de profundidade e consistência de argumentação. Se a natureza é objeto de respeito, ela o é justamente porque ambos, homem e natureza,

são objeto de respeito, ou seja, não podem existir sem essa ralação complementar. A continuidade e a existência futura do homem está diretamente ligada à existência da natureza, inclusive como um direito das gerações futuras.

Esse estado de coisas é alarmante, sobretudo quando notamos a falta de critérios, de sensibilidade, de respeito à autonomia e à liberdade da pessoa humana. Com relação aos experimentos executados por médicos nazistas, torna-se claro que o critério não era diminuir a dor, mas provocá-la mais intensamente.

Nesse caso, um procedimento que provoque o aumento da dor, que não estiver fundado no princípio da “benevolência” “fazer o bem”, da “justiça”. Nascer pobre ou com alguma deficiência é uma condição da natureza. “*O que é justo ou injusto é o modo como as instituições sociais tratam desses fatos*” (ROWLS, 1981) e, da “não-maleficência”, “*não causar danos*” e da “autonomia”, é eticamente inaceitável e condenável.

O entendimento da ética, tal qual foi fundamentada pela filosofia ao longo do tempo, é capital para a compreensão de como a Bioética deve conduzir sua reflexão. A ética se refere à “norma”, “*àquilo que deve ser*”. Ela corresponde ao “ninho” onde se realizam as ações e todas representações culturais. Nesse sentido, é uma aquisição oriunda do exercício, da vivência. É ali que se realiza ou que se inicia o processo de humanização. Evidenciamos, então, o caráter pedagógico da ética.

Moral, originariamente significa “*costume*”, é a ação ou a realização concreta dos valores culturais vividos nas mais diferentes sociedades. Os “*diferentes morais*” fazem com que não haja uma universalização de princípios ou respostas em torno dos problemas. São as realidades sócio- culturais, as representações sociais que exercem impactos capazes de delimitar o que deve ser aprendido numa situação determinada. É nesse âmbito que entram em cena o conhecimento científico e a tecnociência como responsáveis pelas

mudanças das nossas representações.

Neste contexto, situamos a Bioética. Fundamos suas bases para pensar os avanços tecnológicos e o progresso da ciência. Se, de um lado, desfrutamos de seus benefícios, de outro, sentimos que os custos podem ser elevados, porque não sabemos as conseqüências futuras da utilização de tecnologias como a clonagem de órgãos ou plantas transgênicas.

É a partir desses fatos que a reflexão por parte da ética se torna tão necessária. Ela representa o suporte reflexivo para tais avanços. Em outras palavras: “*Se para a ciência tudo o que pode ser feito deve ser feito; para a ética, nem tudo o que pode ser feito deve ser feito*”.

A ética não é contrária à ciência, apenas aconselha certos limites a ações que podem pôr em risco o futuro, tanto da natureza humana como extra-humana. Prudência e sabedoria entram como elementos chaves em decisões que envolvam riscos. Na verdade, isto significa dizer que os limites e o cuidado são elementos chaves, quando pensamos em termos de conseqüências futuras.

Sabemos que os imperativos da ética tradicional, embora necessários como (fraternidade, amor, caridade), são insuficientes para atender às grandes transformações provocadas pelos avanços tecnológicos e pelas possibilidades inteiramente novas de poder.

Por outro lado, não podemos deixar de lembrar que a “*técnica no passado não estava revestida do rol de significação ética*”¹, conforme as considerações de Hans Jonas. Elas nos fazem perceber que foram introduzidas mudanças no agir moderno; e esse é o motivo principal da necessidade de mudança nos imperativos éticos.

Se houve uma transformação na essência do agir em face das mudanças provocadas pela tecnologia, e, se os imperativos da ética tradicional são insuficientes para atender a esse rol de necessidades, então é necessário que haja

¹ HANS, Jonas. Technologie et responsabilité: pour une nouvelle éthique. p. 171

*transformações nos imperativos da ética*².

Desta forma, entendemos que a multiplicidade de mudanças provocadas pela tecnologia, nos hábitos e nos costumes, exigem princípios adequados ao grande número de transformações e suas interferências em nossa vida. Se no passado a dimensão de espaço estava circunstanciada às relações próximas, dos amigos, dos vizinhos e da cidade, e a dimensão temporal concebida como uma busca incessante das coisas eternas, significa que o agir estava limitado ao contexto espacial e temporal e não continha uma visão de futuro enquanto necessidade de preservação não só da natureza humana como também da extra-humana.

Essa realidade mudou. No que se refere ao espaço, o mundo é globalizado e as informações são processadas pelos veículos de comunicação numa velocidade espantosa. Notamos, neste aspecto, o pouco poder de transformação do agir individual contraposto ao grande poder de transformação das ações coletivas. O espaço já não é só a ação entre amigos e vizinhos como: *“Ama teu próximo como a ti mesmo”*. *“Não faças aos outros o que não queres que te façam”*. Há uma dimensão de futuro não mais como eternidade, mas como continuidade que agora está na esfera do nosso poder.

Com esse argumento, deduzimos que o agir ético está na esfera do nosso poder; que nos vemos na possibilidade de que as conseqüências dos nossos atos possam tornar inviáveis a vida no futuro. Dizer que temos o poder suficiente para destruir o universo já não é um delírio, nem simplesmente um ato de loucura diante de tamanha potencialização do poder tecnológico. A ação, o ato e o efeito das ações potencializadas podem destruir a possibilidade de vida futura.

É a partir desse quadro que a Bioética entra em cena, pelo fato de o homem de sujeito tornar-se objeto da própria ciência. Aquilo que antes se constituía sagrado, agora torna-se objeto de controle, o que

contribui decisivamente para a efetivação do que chamamos de *“nihilismo de valores”* em nosso mundo atual.

A Bioética, como ética da vida, implica num agir. A ação, o ato e o efeito podem causar danos. Por isso, ela recomenda prudência, cuidado, renúncia sabedoria e humildade em relação ao uso do poder e nos procedimentos que podem provocar conseqüências imprevisíveis e irreversíveis ao futuro da humanidade, tanto da vida humana e extra-humana.

Esse novo gênero de humildade ou de sabedoria é que poderá atuar sobre o poder onipotente da ciência. A responsabilidade não se dá somente por uma exigência do código, mas em todas as direções, como preservação e respeito a tudo e a todos. Nesse aspecto, a ética se refere àquilo que *deve ser*, porém é uma reflexão sobre o que efetivamente estamos realizando, visando um bem comum.

A ética então se torna política, porque ela está na esfera do nosso poder. Em outras palavras, a ética de responsabilidade no seu aspecto político torna-se uma ação voltada para o frágil, para aquele que não tem voz nem voto. Pensar a ética fora da esfera da ação pública é torná-la inviável como filosofia prática.

Os imperativos da ética atual não podem ser formulados, sem que a vida esteja implicada neles. Os atos e os efeitos de nossas ações não devem destruir a possibilidade da vida no futuro. Nesse sentido entendemos o que Hans Jonas afirma. Evidentemente se existem ameaças advindas do mau uso da tecnologia, quem pode estar mais ameaçado? É a vida. Neste caso, o novo imperativo de Jonas está indissociavelmente implicado com a preservação. Nele está expressa exatamente uma ética da vida.

Age de maneira tal que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de autêntica vida humana; ou expresso negativamente: Age de maneira tal que os efeitos de ação não destruam a possibilidade de autêntica vida humana futura; ou simplesmente: Não comprometas as condições de continuidade da

² JONAS, Jonas. The imperative of responsibility. p.1

*humanidade sobre a terra; ou ainda positivamente: Inclui em tuas escolhas presentes como objeto do teu querer a integridade futura do homem*³.

Jonas funda o imperativo no sim à vida e sua continuidade futura como essencial possibilidade de que nossa liberdade necessita garanti-la através das ações presentes. Tanto na elaboração afirmativa como negativa, do seu imperativo, há uma responsabilidade em relação a tudo e a todos, no que se refere à continuidade da vida. Tais formulações indicam que a “vida é expressamente nomeada” e colocada no seu lugar de honra.

O que podemos entender é que somos livres no uso dos nossos poderes, mas obrigados a respeitar as outras formas de vida, pois a existência deles implica em nossa existência. Deixa claro que a vida é o fundamento do seu imperativo. Sua consistência deve ser formulada ontologicamente, uma vez que o que deve ser justificado é a continuidade da existência e não a racionalidade de um princípio de moralidade, para fazer uma crítica ao princípio categórico kantiano. O que deve ser demonstrado é que a vida deve continuar existindo no futuro. Apesar de toda a desconfiança em relação à metafísica, sobretudo do meio anglo-saxão.

Ricoeur é incisivo quando refere-se ao argumento de Jonas:

*“Disso se conclui que o primeiro princípio de uma ética do futuro não se encontra na ética enquanto doutrina do fazer (...) mas na metafísica enquanto doutrina do ser, cuja idéia do homem representa apenas uma parte”*⁴.

Devemos impor razões pelas quais somos responsáveis em buscar o bem-estar, já que o futuro depende, em grande parte, de nossas ações e do uso adequado do poder. A responsabilidade pela

educação entraria nesse rol enquanto cuidado pelo futuro de alguém que depende das nossas informações e conhecimentos para que seja possível seu sucesso. A obrigação está na prevenção como parte intrínseca da responsabilidade com o futuro. Promover a educação, a saúde e a política faz parte de nossa responsabilidade com o amanhã, pois a vida está vinculada e implicada com o “bem intrínseco”. A responsabilidade tem um sentido pedagógico de “guardião do ser” e se dá em todas as dimensões do agir.

Os educadores também assumem compromissos. Uma vez que aceitaram a função, são levados a assumir a obrigação perante pessoas que dependem deles para o sucesso futuro. A condição de mestre é de responsabilidade e de respeito à vida. É estendida à comunidade em relação ao frágil que necessita de cuidado para que possa emergir de objeto a sujeito dela. Ao educarem, estão exercendo tarefa análoga à do pai com seu filho, de pastores do ser, revelando-se, novamente, a dimensão pedagógica da responsabilidade que se abre como possibilidade, e não como destino.

O sentimento de responsabilidade está totalmente de acordo com a precariedade da vida.

Conclusão

A título de conclusão, pode-se afirmar que a Bioética necessita considerar quatro princípios voltados para o ideal de pessoa: “não-maleficência, justiça, beneficência e autonomia”. Kant, no seu imperativo, afirma: “Procede apenas segundo aquela máxima, em virtude da qual podes querer ao mesmo tempo que ela se torne uma lei universal”.

Dessa fórmula deduz o seguinte imperativo prático: “Procede de maneira que trates a humanidade, tanto na tua pessoa como na de todos

³ JONAS, Hans. The imperative of responsibility p.11

⁴ RICOEUR, Paul. A região dos filósofos. p. 235.

os outros, sempre como fim, e nunca como puro meio". Sinteticamente dizemos: "O homem é um fim em si mesmo e não pode ser usado como meio".

Os fins não justificam os meios. Não se pode utilizar meios aviltantes para atingir determinados fins. Quando dizemos que o homem é um fim em si mesmo, consideramo-lo como objeto de respeito. Respeitamos sua autonomia, sua liberdade nas questões da saúde, sobretudo naquelas questões que envolvem riscos.

Bibliografia

01. ENGELHARDT JR. H. Tristram. **Fundamentos da Bioética**. São Paulo: Loyola, 1998.
02. JONAS, Hans. **The imperative of responsibility: in search of an ethics for the technological age**. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
03. _____. **Technologie et responsabilité: pour une nouvelle éthique**. Revue Esprit, Paris, v. 42, n. 438, p. 163 – 184, set 1974.
04. RICOEUR, Paul. **A região dos filósofos**. São Paulo: Loyola, 1996.
05. ROWLS, John. **Uma Teoria da Justiça**. Brasília: UNB, 1981.